# quando o vaticano caiu

pedro catalão moura

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*A todos quantos me ensinaram algo.*
*Ao Luís Corte Real e à família Saída de Emergência.*

*Nulla è perduto con la pace.*
*Tutto può esserlo con la guerra.*[1]
— Pio XII

[1] Nada é perdido com a paz. Tudo pode sê-lo com a guerra.

# –PRÓLOGO–

Itália. Agosto de 1943. As forças de Hitler, comandadas pelo General Karl Wolff, acercam-se de Roma. O seu objetivo é claro: invadir Roma, tomar a Cidade do Vaticano e raptar Pio XII. As recentes manifestações públicas de membros da cúria e do próprio papa contra o regime nazi, e o iminente *volte-face* de Itália para o lado dos Aliados, criaram, em Hitler, o receio de ver as hostes católicas virarem-se contra o seu império.

O Cardeal Eugenio Pacelli, eleito Papa Pio XII à terceira votação no conclave de 1939, quarto conclave do século XX, foi voz ativa contra o nazismo durante o pontificado do anterior papa, Pio XI. O então Cardeal Secretário de Estado Pacelli esboçou o documento que viria a dar origem à carta encíclica de Pio XI e da Santa Sé na qual o movimento totalitário, preconceituoso, antissemita e magnânimo de Hitler é liminarmente condenado e repudiado. A pedido de Pacelli, o Cardeal Michael von Faulhaber, arcebispo de Munique e profundo opositor ao nazismo, auxiliou na escrita da carta. Este contributo valeu-lhe o título de «cardeal judeu», atribuído de forma pejorativa pelos nazis, passando a ser uma *persona non grata* para o seu próprio país.

A dita carta encíclica, entretanto intitulada *Mit Brennender Sorge*[2], não caiu bem para o lado alemão e as crescentes críticas da agora cúria de Pio XII ao nacional-socialismo têm despoletado preocupação e ira em Hitler. O *führer* planeia avançar com um plano para controlar de vez as palavras da Igreja. Raptar Pio XII e manter o papa sob sua total custódia permitir-lhe-á

[2] Com profunda preocupação.

não só ter plenos poderes sobre toda a cúria da Igreja Católica Apostólica Romana, a que mais fiéis tem espalhados pelo globo, como também utilizar a voz de Pio XII para emitir para as massas todo o tipo de informação que lhe convier.

A incursão das tropas nazis pelas muralhas e portões do Vaticano tornou-se numa séria possibilidade já tida em consideração pela própria Santa Sé, pelos Aliados e até por países que se mantêm neutros perante os atuais conflitos. Os Estados Unidos da América de Roosevelt, a Espanha de Franco e o Portugal de Salazar convidaram Pio XII a mudar toda a cúria vaticana para os seus países. O papa, por sua vez, nunca teve em verdadeira consideração tal cenário, no entanto tudo muda quando uma carta anónima chega à caixa de correio de Monsenhor Mario di Corneliano, camareiro pessoal de Pio XII e cónego da Basílica de São Pedro. A carta garante que o plano de Hitler está já em marcha, e que o Santo Padre e toda a cúria correm sérios riscos. A Igreja, enquanto instituição mais reconhecida por todo o mundo, está prestes a sofrer a maior revolução da sua milenar história.

# –I–

## *Buongiorno…*

No lado de fora do escritório pessoal do Monsenhor Di Corneliano ouvem-se, ao longe, periódicos embates com o solo. O som é indubitavelmente emitido pelos saltos emadeirados de uns quaisquer sapatos, provavelmente femininos.

Mario di Corneliano nasceu no seio de uma família aristocrática italiana, de Piacenza, e cedo se dedicou à religião e ao sacerdócio. Ordenado padre com apenas vinte e quatro anos, em 1927, Di Corneliano tem passado estes seus quinze anos de sacerdócio ao dispor da cúria romana, na Cidade do Vaticano. Foi, quase de forma imediata, escolhido para assumir a posição de cónego da Basílica de São Pedro, função que lhe exige um enorme domínio do protocolo da Santa Sé, uma extrema capacidade de organização e preparação de qualquer tipo de celebração, e um estado de alerta quase semelhante ao de qualquer serviço de emergência. Além disso, tem a seu cargo todos os trâmites relacionados com a preservação da basílica, das estruturas adjacentes e do seu conteúdo artístico, religioso ou meramente decorativo. Passados alguns anos de trabalho na cúria, em 1931 foi escolhido por Ambrogio Ratti, vulgarmente conhecido como Papa Pio XI, para assumir a posição de camareiro pessoal de sua santidade. Este cargo valeu-lhe o título de monsenhor, que, por se tratar de um título honorífico atribuído somente pelo líder da Igreja, tem bastante relevância. Para lá de todas as tarefas que já tinha a seu cargo enquanto cónego da Basílica de São Pedro, Di Corneliano fica também responsável por todo e qualquer assunto que habitualmente compete a um secretário privado. Cabe-lhe atender a todos os pedidos do papa, marcar

reuniões, programar a agenda, organizar visitas apostólicas e até tratar de assuntos do foro mais íntimo do Sumo Pontífice. Após a morte de Pio XI, o novo papa, Eugenio Pacelli, que adotou o nome papal de Pio XII, mantém Di Corneliano nos dois cargos que este já ocupava durante o pontificado anterior. Assim, divide o seu tempo entre as funções de camareiro pessoal de sua santidade e de cónego da Basílica de São Pedro.

O som dos saltos altos cessa. Dois pequenos embates contra a porta sentem-se.

— Sim?

A porta do escritório do Monsenhor Di Corneliano abre-se.

Na pequena mas cuidadosamente decorada sala é visível uma secretária de madeira robusta, alinhada ao centro mas mais próxima da parede do fundo. Atrás da mesa, sentado numa cadeira de pele sintética já gasta, um homem de meia-idade debruça-se sobre o trabalho — é Di Corneliano. De cada lado da secretária existem outras duas cadeiras, também elas de madeira a condizer com a secretária e preparadas para receber quem nelas se quiser sentar durante uma qualquer reunião. Na parede do fundo, entre duas janelas com vista para a Praça de São Pedro, está pendurado um crucifixo esculpido em marfim e de valor avultado, demasiado bonito para estar trancado num escritório onde poucos poderão apreciá-lo. A parede do lado esquerdo está completamente forrada com estantes de aspeto frágil. É difícil perceber como as suas finas pernas de metal conseguem suportar o peso de tantas pastas, papéis, arquivadores e uma ou outra estatueta. Quadros diversos, todos com representações de cenas bíblicas e com molduras iguais, alinham-se pelas demais paredes. Alguns vasos de plantas foram usados para encher as áreas mais vazias do lugar. Existirão, no Vaticano, espaços muito mais acolhedores e agradáveis à vista, mas, de qualquer forma, este é um local de trabalho e não de turismo.

A Irmã Nicoletta entra.

Nicoletta é o expoente máximo do grande grupo de freiras que servem a Cidade do Vaticano e os seus habitantes mais ilustres. É o equivalente a uma madre superiora de um qualquer convento, com a diferença de que aquelas freiras não estão obrigadas ao recolhimento nem têm grande tempo livre para se dedicarem à oração. Estas verdadeiras empregadas são responsáveis por todos os encargos que uma casa com centenas de habitantes possa ter, desde a alimentação até à limpeza, passando por todo o tipo de tarefa doméstica. Nicoletta é uma mulher séria e ligeiramente austera. Apesar de não parecer, conta já com mais de seis décadas de vida, quatro das quais ao serviço da cúria. Lidera as freiras serventes de forma intransigente para que nada

falte aos bispos e cardeais que residem ou passam pela Cidade do Vaticano e, claro, a sua santidade, o Papa Pio XII.

A freira carrega nos braços um pequeno baú de madeira com o brasão papal de Pio XII gravado no centro de cada lado. No seu interior vem toda a correspondência dirigida ao papa. Na realidade, tudo o que é enviado a Pio XII passa primeiro pelas forças de segurança do Vaticano e depois pelo crivo do Monsenhor Di Corneliano. Uma vez verificada e ordenada, a correspondência mais relevante é, então, entregue ao papa.

— *Buongiorno,* monsenhor, trago-lhe a correspondência do dia.

Pousa a caixa na sobrelotada secretária de Di Corneliano. Papéis amontoam-se por todo o lado, condizentes com a carga excessiva de trabalho do presbítero. Agenda para atualizar, planos para aprovar, reuniões para marcar, documentos para assinar, papel e mais papel. São assim os dias de Monsenhor Di Corneliano desde que trabalha na cúria. Em boa verdade, a quantidade de trabalho que lhe é exigida aumentou consideravelmente após a morte de Lorenzo Lauri, cardeal camarlengo de Pio XII. O cardeal faleceu há dois anos e o papa ainda não terá decidido qual o nome do sucessor para o cargo. Diz-se nos corredores que Pio XII não encontrou ainda a pessoa certa a quem confiar a função. Talvez por ele próprio ter sido cardeal camarlengo de Pio XI, e por conhecer bem as exigências do cargo, lhe seja tão difícil escolher um sucessor para Lauri. Sejam quais forem as razões do papa, a verdade é que a vida de Monsenhor Di Corneliano se tornou quase num inferno desde então. Neste momento vê-se responsável por três cargos distintos que poderiam muito bem ser ocupados por três pessoas, o cargo de cónego da Basílica de São Pedro, o de camareiro pessoal de sua santidade e o de camarlengo não oficial da Santa Sé.

— Obrigado, irmã. Pode deixar aí.

Rodopiando sobre os saltos, a Irmã Nicoletta dirige-se à porta pela qual havia entrado há instantes.

— Irmã, desculpe, o Santo Padre já está disponível?

Detendo o passo, rodopia de novo sobre os seus saltos e encontra os olhos de Di Corneliano. Por estarem sempre colados no trabalho, é mais comum ver-se o topo da sua cabeça, onde o cabelo já vai escasseando, do que os seus olhos acastanhados.

— Sua santidade está a terminar a primeira refeição do dia, monsenhor. Depois disso terá uma reunião com o Cardeal Maglione.

Luigi Maglione é um clérigo italiano elevado ao cardinalato por Pio XI no consistório de 1935. Antes disso foi núncio apostólico em diversos países europeus, entre eles a Suíça e a França. Ocupa, desde 1939, a posição de

cardeal secretário de Estado da Santa Sé. É o responsável pelo governo de Pio XII, função equivalente à de um primeiro-ministro ou presidente de governo de um qualquer país. Sucedeu, enquanto líder da Secretaria de Estado, ao próprio Cardeal Pacelli após a sua eleição como Sumo Pontífice no conclave de 1939. Maglione é um homem ardiloso e habilidoso com as palavras faladas e escritas, embora só as use quando estritamente necessário. Habituado a falar com chefes de Estado, líderes religiosos e individualidades dos quatro cantos do mundo, domina o protocolo, controla a arte do negoceio, é perspicaz e cordial. Um verdadeiro mestre na arte da política.

— Sim, é verdade. Obrigado por relembrar-me disso — nota Di Corneliano, enquanto mira o relógio que usa no pulso esquerdo.

Ao inclinar a cabeça para devolver os olhos ao trabalho, passa os olhos pela caixa deixada por Nicoletta na sua secretária há instantes. Um envelope preto no meio de tantos brancos chama-lhe a atenção.

— Irmã Nicoletta, que envelope é este?

A ausência da freira já se faz notar. A pergunta de Di Corneliano cai em saco roto. Habitualmente só verifica a correspondência quando despacha assuntos mais importantes, mas a sua curiosidade sobrepõe-se ao trabalho que tem em mãos. Resolve ver do que se trata aquele envelope forasteiro e tão fora do vulgar. Puxa-o de entre os demais. Vem lacrado mas sem dados de remetente. Sente um súbito receio apoderar-se de si. Em tempos tão conturbados, aquele envelope pode ser sinónimo de graves problemas. Sem perder mais tempo, abre-o e lê o papel que vem no seu interior.

## –II–

## *Com a graça de Deus…*

A reunião privada entre Pio XII e o seu secretário de Estado, o Cardeal Maglione, nos aposentos papais do Palácio Apostólico, começou há poucos minutos. Ali discutem-se os mais variadíssimos assuntos relacionados com o governo da Santa Sé. Finanças, Código Canónico, ordenação de bispos e cardeais, relações internacionais, a guerra, o estado do mundo, de tudo um pouco.

O escritório papal em tudo destoa do escritório do Monsenhor Di Corneliano. Este reveste-se de arte sacra muito valiosa. Belíssimos quadros ornamentam as paredes. Estantes de aspeto maciço sustentam dezenas de livros, qual deles o mais importante ou precioso. Ao centro do amplo escritório existe uma mesa de madeira clara, envernizada e ladeada por oito cadeiras forradas a tecido branco. Servirá para reuniões mais populosas. Ao fundo da sala colocara-se a secretária de Pio XII, feita da mesma madeira da mesa central, com a cadeira do papa por trás e duas cadeiras pela frente, para visitantes. Uma destas está ocupada pelo Cardeal Maglione. À direita da mesa, uma estátua de São Pedro esculpida em madeira e pintada pelas mãos de um dos mais nobres artistas italianos. À esquerda, um crucifixo que, embora sendo de pequenas dimensões, compensa pelos detalhes de ouro maciço que adornam a cruz. A pequena máquina de escrever do papa, uma *Remington* de cor branca, foi chegada para um dos lados da secretária a fim de abrir espaço para os papéis que Pio XII e o cardeal secretário de Estado usam durante a sua reunião. O agora papa teve ali muitas reuniões semelhantes a esta, no tempo em que era secretário de Estado de Pio XI. A

lógica e os assuntos mantêm-se, a única coisa que mudou foi o seu cargo dentro da cúria.

Pio XII ocupa a sua habitual posição atrás da secretária. Uma batina branca com trinta e três botões, um por cada ano de vida de Jesus Cristo, cobre-lhe o corpo. Usa uns óculos com lentes perfeitamente redondas, apoiados sobre o nariz. Calça os típicos múleos vermelhos reservados ao papa, da cor do sangue derramado pelos santos mártires da Igreja. Uma faixa de seda, também ela branca, enrola-se firmemente à sua cintura e as extremidades dependuram-se ao longo do corpo quase até ao chão. Pelos ombros cai-lhe o amito cuidadosamente alinhado. Ao pescoço, pela altura do coração, enverga uma cruz cravejada de pedras preciosas em vários tons azulados e esverdeados. No topo dos cabelos, que já não são muitos, assenta um solidéu branco, feito das melhores peças de veludo. Na sua mão direita ostenta-se a peça mais importante que um papa pode usar, o anel do pescador. Encaixado de forma perfeita no dedo anelar, o anel de ouro maciço é o símbolo máximo da supremacia, infalibilidade e primazia do Santo Padre. Por ser único para cada herdeiro de Pedro, será destruído imediatamente após a confirmação da morte de Pio XII. Estas vestes, quotidianas e bem simples, em nada são comparáveis aos paramentos que usa quando é transportado na sua sede gestatória, por doze homens, ao longo da Praça de São Pedro. Aí, os belos padrões da alva, que se sobrepõe a tudo o resto, e o brilho das joias preciosas que ornamentam as três coroas da tiara papal deixam bem claras as funções de sacerdote, profeta e rei do homem que a usa.

A cova no queixo do Cardeal Maglione sobrepõe-se a todas as demais feições do seu rosto. É um dos mais reconhecidos traços físicos do cardeal secretário de Estado. Já no que aos paramentos diz respeito, uma batina em tudo semelhante à de Pio XII, exceto na cor, cobre-lhe o corpo. A batina do cardeal é toda negra mas pontilhada com trinta e três botões vermelhos. Por cima veste uma sobrepeliz rendada e um amito vermelho. Vermelhos são também o solidéu que traz à cabeça e a faixa justa à cintura. À altura do coração dependura-se uma cruz tão ou mais cravejada de joias que a de Pio XII. O barrete e o anel cardinalício, símbolos de um típico príncipe da Igreja e impostos por Pio XI no consistório cardinalício de 1935, são orgulhosamente usados pelo Cardeal Maglione.

De supetão, a porta do escritório é aberta. O barulho do forte embate na parede causa um enorme susto nos dois homens. Quem chega nem se dignou a bater na porta, de forma a pedir licença ou a anunciar a sua entrada.

— Vossa santidade! Vossa eminência! O mal está perto! O que mais temíamos vai acontecer!

A voz grave mas ligeiramente trémula entrega a sua preocupação.

— O que pensa que está a fazer, Monsenhor Di Corneliano?!

O tom austero e o olhar grave do cardeal secretário de Estado em direção a Di Corneliano deixam transparecer o elevado incómodo que se apoderara dele, causado pela tão inesperada e abrupta interrupção. Nem ele nem Pio XII estão habituados a ser interrompidos desta forma.

— Lamento imenso ter entrado assim, eminência! Perdoem-me tê-los interrompido, mas o assunto não é para menos! Por favor, têm de ler esta carta imediatamente! Estamos perdidos!

Os olhares de Pio XII e de Maglione cruzam-se por breves instantes. Ambos exibem uma feição inquisitória no rosto, revelada pelo franzir da vista e pelas rugas da testa. O camareiro pessoal de Pio XII corre em direção a eles e pousa o envelope negro sobre a mesma secretária onde, até há alguns segundos, se tratava do governo da Santa Sé e da Igreja. Sem se demorar muito e a começar a ficar inquieto com as atitudes do seu camareiro, Pio XII pega no envelope, retira o papel do seu interior e percorre o texto com os olhos.

*Sua Santidade, Papa Pio XII,*

*O plano de Hitler vai avançar! O Vaticano será invadido em poucas semanas, talvez dias! O Santo Padre está em risco!*

*Um amigo*

Assim que lê a carta, Pio XII sente-se ligeiramente perdido. Um turbilhão de ideias toma conta de si. Tenta perceber mentalmente o verdadeiro significado das palavras que acaba de ler. Ao notar que aquilo pode tratar-se de um assunto bem sério, mira Maglione com um olhar vidrado.

— O que diz o papel, Santo Padre? — questiona o cardeal.

— Veja você mesmo, Maglione! O que faremos agora? O que será de mim? O que será de nós? O que será da Igreja?

O cardeal pega no papel e, em poucos segundos, lê o seu conteúdo.

À medida que o papa ia interiorizando o que acabou de ler, o seu coração acelera-se de tal forma que, se tal fosse anatomicamente possível, saltar-lhe-ia do peito.

— Aquele blasfemo imundo quer pôr as suas mãos nojentas em mim! Quem é que ele pensa que é para afrontar desta forma a Igreja? Capturar o papa? Onde já se viu uma loucura destas? Aquele tirano assassino só pode ser a encarnação do Demónio! Deve estar possuído, é a única explicação! Diabo!

Enquanto pragueja contra Hitler, Pio XII vai vagueando sem rumo nem destino pelo espaçoso escritório papal.

— Pois que seja sabido: se esse tirano demoníaco quer prender-me, terá de vir até à Cidade do Vaticano e terá de arrastar-me pelas ruas de Roma! Juro-o por São Pedro e São Paulo! Juro-o pelas chagas de Cristo na cruz!

O Cardeal Maglione praticamente não se movera ainda. Atarracado na cadeira, parece atónito com a informação que acaba de lhe ser dada. Por mais habituado que esteja a receber notícias preocupantes, principalmente desde que assumiu a secretaria de Estado, esta suplanta qualquer outra.

É verdade que havia suspeitas de que algo deste género pudesse estar a ser equacionado pelas forças nazis. Os mais altos membros da cúria sabiam disso e até os serviços secretos de vários países já tinham alertado a Santa Sé dos indícios existentes. Ainda assim, Maglione nunca acreditara verdadeiramente que Hitler fosse capaz de tal coisa. Afinal, é a Igreja Católica Apostólica Romana que está em causa, não uma qualquer instituição de bairro. Quem se atreveria a atentar contra a religião com mais fiéis no mundo inteiro? Mas Hitler atreve, aparentemente.

Pio XII mantém-se no seu périplo sem rota pela sala, como se já antevendo o fim do mundo ou, pelo menos, o fim do seu mundo. Sem que nada o pudesse prever, agarra numa estatueta de porcelana que ornamentava uma das estantes do escritório e escacara-a contra o chão. A cabeça do santo salta para longe, enquanto o seu corpo se desfaz em dezenas de pedaços. Tal ação, tão inesperada e até demasiado violenta para um papa, não passa de uma tentativa de dissipar os nervos que se apoderaram de si.

— Santidade! Tenha noção! — grita o Cardeal Maglione enquanto se levanta bruscamente da cadeira.

Monsenhor Di Corneliano nunca ouvira alguém tratar o Sumo Pontífice desta forma. Conhecera-o já como Vossa Eminência, o Cardeal Pacelli e, depois, Vossa Santidade, o Santo Padre Pio XII, e jamais presenciara alguém elevar a sua voz para reprender o vigário de Cristo na Terra.

Apesar dos cargos, Maglione e Pio XII haviam sido cardeais contemporâneos, celebrantes das mesmas missas, membros do mesmo colégio cardinalício e participantes no mesmo conclave. Sempre existiu uma relação cordial e, em certa medida, confortável entre ambos. Que outra justificação poderia existir para o à-vontade que Maglione sente para repreender Pio XII? E, além disso, esta é uma situação crítica capaz de transformar o mais santo dos homens num verdadeiro poço de nervosismo e desespero.

O papa vira-se para o seu camareiro pessoal.

— Monsenhor Di Corneliano, mande chamar o Cardeal Faulhaber. Eu

sei que ele está no Vaticano. Não precisa de dizer-lhe do que se trata, mas peça-lhe que venha imediatamente!

Jocosamente apelidado de «cardeal judeu» pelas forças nazis do seu próprio país, o Cardeal Faulhaber é um dos mais próximos de Pio XII desde os tempos em que ele ainda era cardeal secretário de Estado. Por se opor fortemente aos vários regimes autoritários que foram florescendo por toda a Europa e, concretamente, ao do seu país, acabou vítima de uma verdadeira campanha de ódio contra si. A carta encíclica assinada por Pio XI e divulgada pelo Vaticano em 1937, na qual esses regimes foram liminarmente condenados, havia sido escrita, na realidade, por Pacelli e por Faulhaber. Hitler soube disso e, desde então, nunca mais o cardeal alemão pôde regressar ao seu país sem receio de sofrer represálias ou até algo pior. Desde então mantém-se na Cidade do Vaticano, onde tem reforçado a sua posição contrária ao autoritarismo e tem auxiliado Pio XII no comando da Igreja. Não fossem as políticas internas do colégio cardinalício e teria sido ele a escolha de Pacelli para secretário de Estado.

— Sim, vossa santidade. Irmã Nicoletta! — chama Di Corneliano, enquanto sai porta fora.

Com a saída de Monsenhor Di Corneliano, o silêncio apodera-se da sala. Uma freira precipita-se para o interior, de vassoura na mão, fitando os cacos da estatueta quebrada. Certamente que se apercebeu do som de algo a quebrar vindo do interior do escritório papal e, assim que viu uma oportunidade, procura recolher os restos do pobre santo de porcelana.

— Agora não, irmã, saia!

A voz grave de Maglione faz estremecer o mais forte dos homens, imagine-se uma simples serva dos representantes de Deus na Terra. Assustada e sem conseguir cumprir a missão que a levara ao interior do escritório, a freira sai.

O silêncio regressa. Pio XII fita a Praça de São Pedro através de uma das muitas janelas do Palácio Apostólico. Maglione senta-se de novo e parece estar, agora, envolto em diversos pensamentos.

— Cardeal Maglione, vossa eminência é o meu cardeal secretário de Estado há já quatro anos, é um político, já calcorreou praticamente o mundo inteiro, conhece dezenas de líderes e de chefes de Estado, por isso diga-me, o que faço agora? O que fazemos agora?

Ao longo de todos estes quatro anos de convivência direta entre ambos, Pio XII faz pela primeira vez uma questão para a qual o Cardeal Maglione não consegue ter resposta imediata. Todo este cenário havia sido falado e colocado em cima da mesa para discussão, mas, na realidade, nunca se lhe

havia dado muita importância. Parecia algo demasiadamente utópico para realmente se concretizar, por isso não há propriamente um plano traçado e aprovado para reagir em conformidade.

Neste momento, uma lágrima discreta solta-se de um dos olhos de Pio XII e corre-lhe pelo rosto. A raiva que sentiu quando leu a maldita carta parece ter sido substituída por uma tristeza profunda. A vontade de praguejar contra Hitler e de amaldiçoar as forças nazis deram lugar a um sentimento de aparente impotência e a um estado de espírito melancólico.

Sem ter havido tempo para uma conversa propriamente dita entre Pio XII e Maglione, a porta do escritório papal volta a ser aberta. Assim que se apercebe disso, o papa passa a mão pelo rosto para limpar a lágrima e volta-se para ver quem acabara de chegar. É Di Corneliano quem entra na sala e com ele vem outro homem.

— Sua eminência reverendíssima, o Cardeal Faulhaber, vossa santidade.

Faulhaber foi, entretanto, informado sobre o que se está a passar por Di Corneliano. Por não fazer parte de qualquer das suas funções, Di Corneliano evitou ao máximo partilhar detalhes com Faulhaber, mas a pressão feita pelo cardeal, admirado por tão repentina requisição vinda do papa, conseguiu quebrar o silêncio do camareiro pessoal de Pio XII. Durante o curto trajeto que liga o escritório do alemão e os aposentos papais, o monsenhor acabou por resumir a situação e, quando ambos chegam ao escritório, Faulhaber já está ao corrente de tudo.

— Eu avisei várias vezes que este cenário podia tornar-se real, Santo Padre! Mas, claro, nunca ninguém quis dar-me ouvidos! Nunca ninguém se preocupou verdadeiramente! Nunca ninguém quis saber do perigo iminente em que estávamos!

O dialeto italiano, pontilhado com trejeitos linguísticos germânicos, de Faulhaber ressoou nas paredes da sala.

— Sabe-se bem o ódio que Hitler tem por vossa santidade. Principalmente depois daquela maldita encíclica que escrevemos a pedido do Santo Padre Pio XI, que Deus o tenha.

Leva a sua mão direita à cabeça, coloca a esquerda sobre a cruz que traz pendurada ao peito e benze-se com um sinal da cruz.

— Aliás, por vossa santidade e por todos nós! Creio não valer a pena relembrar a alcunha pela qual sou conhecido e tratado no meu próprio país, certo? Aquele tirano odeia-o a si, a mim e ao mundo inteiro!

Volta-se para Maglione.

— E vossa eminência? É ou não é o cardeal secretário de Estado? O que fez para preparar a Santa Sé para uma desgraça destas proporções? Lembro-me

bem do ar trocista com que olhava para mim sempre que eu alertava para esta possibilidade! Várias vezes me chamou louco! Acusou-me de estar a exagerar! Aqui tem o resultado da sua passividade, vossa eminência! Ou devo antes chamar-lhe vossa inutilidade?

Maglione semicerra as pálpebras, levanta-se de supetão e aponta um dedo, de forma firme e ameaçadora, na direção do alemão.

— Não me insulte, Cardeal Faulhaber! Não admito nem a vossa eminência nem a ninguém que me trate nesses termos! Tenha cuidado com o que diz, muito cuidado!

O cardeal secretário de Estado parece fervilhar internamente. A impotência que sente perante as recentes notícias, aliada às acusações do Cardeal Faulhaber, levam Maglione a um ponto de quase rutura. Ele não se fica e contra-ataca o alemão.

— Porventura vossa eminência até estará feliz. Não terá, vossa eminência, criado uma amizade secreta com quem governa o seu país? Não estará, vossa eminência, a ajudar os alemães? Não será, vossa eminência, um género de informador infiltrado que tem ajudado Hitler a partir do interior das muralhas do Vaticano?

Agora é Faulhaber que se sente profundamente ofendido com as palavras de Maglione. Não hesita em ripostar.

— Eu não lhe admito tal insinuação, secretário de Estado! Ainda vossa eminência nem cardeal era e já eu e o Santo Padre nos debatíamos contra todos estes regimes sanguinários e assassinos! Se voltar a fazer alguma acusação desse tipo, eu não responderei por mim!

A confusão instala-se na sala. O fluxo de acusações e insultos entre os dois cardeais é constante e ininterrupto. Incapaz de dizer seja o que for ou de se impor perante os conflituosos cardeais, Pio XII parece abstraído de tudo aquilo e concentrado em si mesmo. Volta-se de novo para a janela e, enquanto mira a Praça de São Pedro mais uma vez, aparenta estar a orar silenciosamente.

— Eminências!

Uma voz rouca, não muito forte mas assertiva, escuta-se à entrada da sala. Os presentes miram imediatamente a fonte da voz. O Cardeal Belmonte acaba de chegar. Ao que parece, apercebendo-se de que a sua presença seria importante, o Monsenhor Di Corneliano resolveu chamar o cardeal.

Gennaro di Belmonte, feito cardeal pelo Papa Pio X em 1911, é um dos mais antigos e experientes cardeais do Colégio Cardinalício. No decurso da sua já longa carreira eclesiástica, assumiu os mais variados cargos dentro da Santa Sé e, atualmente, é o cardeal-decano do Colégio Cardinalício.

Foi também ele o decano do conclave que viria a eleger Pio XII em 1939. Antes disso já participara em outros dois conclaves, o que elegeu Bento XV em 1914 e o que nomeou Pio XI em 1922. É o cardeal titular da diocese de Albano e, por ser decano do colégio, titula igualmente a diocese de Óstia. Belmonte é uma pessoa simples, dada a poucos luxos e alérgica a conflitos ou confusões. Ainda assim, e por ser um dos cardeais com mais experiência de todo o colégio, é respeitado por todos. A sua voz e as suas respostas, habitualmente assertivas e impiedosas, são ferramenta suficiente para pôr em sentido seja quem for.

— Vossas eminências, o que vem a ser toda esta confusão em pleno escritório papal e na presença de sua santidade? Estão loucos?!

— Não tem importância, vossa eminência… — diz Pio XII em tom resignado e claramente abatido.

Belmonte vem paramentado com tudo o que um cardeal deve usar e em tudo parecido a Maglione e a Faulhaber. Distingue-se destes pela sua cara mais esguia e pelos adereços bem menos luxuosos. Uma sobrepeliz branca, simples e sem renda, cobre-lhe a batina negra. A cruz que enverga ao peito em nada se assemelha à dos dois cardeais ou à de Pio XII — simples, de prata, com uma ou outra pedra preciosa mas pouco ostensivas. Na mão esquerda carrega uma Bíblia sagrada. Nos pés traz uns sapatos pretos cobertos pela poeira das ruas de Roma, ruas essas onde costuma distribuir esmolas pelos pobres. Luxo reduzido ao mínimo, condizente com a sua filosofia para a Igreja: pobre, justa, do povo e pelos pobres.

— Retomem o silêncio imediatamente, vossas eminências! Sentem-se! Gritos e acusações mútuas não resolvem problemas!

Belmonte manda calar Maglione e Faulhaber sem o mínimo pudor e obriga a que se reduza a tensão instalada na sala. O camareiro pessoal do papa, seguro de que o Cardeal Belmonte saberá como manter a paz, segue em direção à porta para deixar os quatro a sós.

— Fique, Monsenhor Di Corneliano!

Belmonte dirige-se ao camareiro do papa e ele quase estremece com o susto.

— Você tem sido muito útil ao Santo Padre em diversos assuntos e acredito que poderá auxiliar-nos neste também. Fique.

Nada habituado a não cumprir os pedidos e ordens dos seus superiores hierárquicos, Di Corneliano fica. Puxa uma das cadeiras e senta-se perto da mesa central, onde já Pio XII e os três cardeais se encontram.

O Cardeal Faulhaber é o primeiro a tomar a palavra para se dirigir ao cardeal-decano.

— Vossa eminência não está a perceber a gravidade da situação. Hitler prepara-se para…

— Eu sei bem qual é a gravidade da situação, Cardeal Faulhaber! Ou acha que o Monsenhor Di Corneliano ia trazer-me aqui sem me contar o que se está a passar? Não vim para beber chá e comer biscoitos com vossas eminências!

Belmonte interrompe Faulhaber com uma das suas típicas respostas ríspidas e repletas de assertividade. Enquanto cardeal-decano do Colégio Cardinalício e do conclave, Belmonte tem traquejo a impor a ordem em situações desordeiras e fá-lo como ninguém. Muito dificilmente alguém ganhará numa troca de palavras com ele. Faulhaber acaba de ser mais uma de tantas vítimas de Belmonte.

— Sejamos pragmáticos! Estamos perante a maior ameaça a sua santidade, à Santa Sé e à Igreja de que há memória. Sabemos bem a força das tropas nazis e sabemos ainda melhor que Hitler fará tudo para conseguir o que deseja.

Volta-se para Maglione.

— Vossa eminência, cardeal secretário de Estado da Santa Sé, Maglione, que propostas de solução concretas o seu governo tem? O que tenciona fazer?

Uma técnica que o cardeal-decano aprendeu com o tempo e que utiliza frequentemente é a de interpelar alguém fazendo uso de todos os títulos do indivíduo. Desta forma, a pessoa sente-se duplamente inquirida e Belmonte consegue evitar receber respostas esquivas. Acaba de fazê-lo com Maglione.

— Em primeiro lugar, vossa eminência, não estou seguro se devemos dar tanta importância assim a essa carta. O que nos garante que tudo isto não passa de uma brincadeira de péssimo gosto? Provavelmente isso foi escrito por um miúdo qualquer que tem visto demasiadas notícias sobre a guerra e que decidiu divertir-se à custa do Vaticano.

Belmonte parece discordar do cardeal secretário de Estado.

— Parece-me bastante óbvio, Cardeal Maglione, que os recentes acontecimentos que temos visto desenrolarem-se por toda a Europa são motivo suficiente para darmos a devida atenção à carta. Não me parece que todas as invasões e as centenas de mortes que acontecem diariamente sejam uma brincadeira de mau gosto.

Sem conseguir contra-argumentar, Maglione prossegue.

— Bom, como sabe, a Santa Sé não tem exército. Se Hitler realmente resolver atacar-nos, a Guarda Suíça não terá poder militar ou humano suficiente para proteger as nossas muralhas contra as forças nazis. E, infelizmente, não poderemos contar com o apoio de Mussolini.

Realmente, a Guarda Suíça não pode nem sonhar em bater de frente com os nazis. Embora sejam a instituição militar responsável por proteger o Santo Padre e, consequentemente, a Cidade do Vaticano há mais de quinhentos anos, os seus pouco mais de cem efetivos não conseguiriam nem fazer cócegas no poderoso exército de Hitler.

— Mas já que vossa eminência me pede propostas concretas, eu só vejo uma que é verdadeiramente exequível.

— E que proposta é essa?

— A Santa Sé condena, de uma vez por todas, o regime nazi e declara oficialmente o seu apoio aos Aliados. Entretanto, rezamos para que eles venham em nosso auxílio ou que, pelo menos, Hitler se retraia e pense duas vezes antes de avançar com tal plano.

Quando Maglione fala em Aliados refere-se, sobretudo, a dois países, o Reino Unido e os Estados Unidos da América. Outros países que também pertencem à aliança militar, como a França, a Polónia ou a Bélgica, entretanto sucumbiram ao poderio das forças nazis e estão parcial ou completamente conquistados.

Perante a ideia de Maglione, Faulhaber revira os olhos.

— Que ideia ridícula! Não seja crédulo e ingénuo, Cardeal Maglione! Vossa eminência sabe muito bem que as forças aliadas mal têm conseguido manter-se a si próprias, imagine-se virem proteger terceiros!

Faulhaber tem razão. De acordo com o evoluir dos conflitos, os países aliados têm realmente vindo a sofrer derrotas sucessivas infligidas por Hitler. Vários povos europeus foram já invadidos pelos alemães sem grandes dificuldades ou resistência. Os nazis têm passeado pela Europa a seu bel-prazer.

— Agora não tenho mesmo dúvidas de que lado vossa eminência está! Eu sei que prefere que nos entreguemos ao seu conterrâneo Hitler e que passemos todos a fazer a saudação nazi das janelas do Vaticano!

Maglione ataca Faulhaber descaradamente.

— Começo a achar que a sua alcunha, Cardeal Judeu Faulhaber, não passa de uma tática dos seus amigos alemães para que a cúria confie em si quando, na realidade, não passa de um porco nazi infiltrado no Vaticano!

O cardeal secretário de Estado não usa palavras meigas para adjetivar o alemão.

— A quem é que vossa eminência está a chamar porco nazi? Eu não lhe admito! Juro-lhe que da próxima vez que me insultar com tais termos, Maglione, vou fazê-lo arrepender-se de tudo o que diz!

— Eminências! Será que tenho de voltar a relembrar onde estamos, quem somos e, principalmente, quem representamos? Contenham-se de imediato!

Uma vez mais, a voz do cardeal-decano Belmonte impõe a ordem à volta da mesa. Vira-se para Pio XII.

— Santo Padre, a vida de vossa santidade e de todos nós está em risco. Tem alguma coisa a propor?

Pio XII parece absorvido pela cadeira, atónito e pálido. Em nada comparável à figura hirta que apresenta sempre que participa em atos oficiais ou quando se mostra aos fiéis que acorrem à Praça de São Pedro.

— Tenho a certeza de que, se os cardeais o elegeram papa no conclave onde eu próprio atuei como cardeal-decano, e se hoje é o Sumo Pontífice da Igreja Católica, é porque Deus assim o deseja e assim o designou. O que o Espírito Santo lhe diz neste momento?

— Infelizmente, vossa eminência, receio bem que o Espírito Santo me tenha abandonado quando o Monsenhor Di Corneliano entrou aqui com esse maldito envelope negro.

O Monsenhor Di Corneliano mantém-se em silêncio; afinal, nem sabe bem por que motivo está presente. Encontra-se sentado à mesma mesa de quatro poderosíssimos homens da Igreja, que contributo pode ele dar? Embora detentor de funções complexas e importantes, não passa de um simples clérigo. Provavelmente, o cardeal-decano só lhe pedira para estar presente caso fosse preciso documentar algum assunto ou mandar chamar alguém.

— Monsenhor Di Corneliano!

A voz de Belmonte fê-lo estremecer. Fazia sempre. Embora não muito forte, o seu emissor é-o. Os olhos de Belmonte fitam-no. Os seus fitam os de Belmonte. Sente que os demais pares de olhos ali presentes também se dirigiam a si como se à espera de verem um aluno levar uma reprimenda de um professor. Não foi o caso.

— Sim, vossa eminência?

— Monsenhor Di Corneliano, faça-me o favor de nos relembrar a todos aquele plano que foi falado, há algum tempo, numa das muitas reuniões da cúria. Você esteve presente e é jovem, por isso tem melhor memória que qualquer de nós. Relembre-nos, por favor.

São precisos alguns segundos para que o camareiro pessoal de Pio XII percebesse ao que se refere o cardeal-decano, mas assim que compreende os seus olhos esbugalham-se. A sua boca entreabre-se e dela saem somente palavras gaguejadas e verdadeiros soluços.

— T-te… T-tem… tem a certeza disso, vossa eminência?! O plano de evasão?

— Absoluta, meu caro. Fale-nos dele.

— Eminência, deve estar louco! — lança Maglione.

— Silêncio, secretário de Estado! Se vossa eminência não tem capacidade de avançar com propostas, então alguém tem de fazê-lo. Prossiga, Monsenhor Di Corneliano.

Todos na mesa sabem ao que se refere o cardeal-decano. O tom da guerra entre o lado aliado e o lado nazi tem subido abruptamente nos últimos meses. Os conflitos armados têm vindo a acentuar-se e as várias manifestações públicas do Vaticano vieram incrementar ainda mais essa escalada de tom. Por conta disso, vários países têm convidado Pio XII e toda a cúria romana a mudarem-se de malas e bagagens para os seus territórios. Ao convite dos Estados Unidos da América, de Roosevelt, seguiram-se os de Espanha de Franco e de Portugal de Salazar. Jamais tal hipótese passara pela cabeça de qualquer dos presentes, tal a sua utopia, mas aqui está ela, a figurar como uma das possíveis soluções para salvar a Igreja e toda a cúria.

— Bom, como vossa santidade e vossas eminências sabem, quando a Santa Sé começou a suspeitar de que Hitler estaria a planear algo deste género, vários países se prontificaram a receber a cúria. Todos os convites comprometem-se a receber, abrigar e proteger o Santo Padre e a Santa Sé, caso assim se entenda.

— E que países foram esses, monsenhor? Relembre-nos.

— Os que me parecem ter sido feitos com mais intenção foram os convites americano, espanhol e português, vossa eminência.

Alguns demorados segundos de silêncio encheram a sala. Pareceram vários minutos. Os presentes, talvez incrédulos por ter-se chegado a um ponto de todo esperado, tentam absorver e analisar mentalmente a hipótese colocada em cima da mesa pelo Cardeal Belmonte.

— E diga-nos, monsenhor, algum desses convites fez algum tipo de promessa distinta dos demais ou impôs alguma condição adicional?

— Na verdade não, eminência. Os três convites são bastante semelhantes. Todos eles prometem proteger a cúria e o Santo Padre durante o tempo que desejarmos ficar no país, e prometem dispor de todos os recursos necessários para a mudança e para a instalação das pessoas que forem transferidas. Nenhum fez qualquer exigência ou pedido em troca. Basicamente é isso, vossa eminência.

É sabido que este tipo de convites nunca é feito sem que, por trás, não existam segundas intenções ou previsões de vir a ter alguma espécie de benefício.

Finalmente, uma voz diferente das de Belmonte e de Di Corneliano faz-se escutar. Pio XII parece ter despertado da apatia de que sofrera até então. Move a cadeira aproximando-a ainda mais da mesa e intervém com a mesma voz com que diz a homilia da missa.

— A sugestão do cardeal-decano pode muito bem ser a única opção. Se for mesmo esse o desígnio e a vontade de Deus, pois que seja! Que se mude a cúria!

— Santo Padre, não podemos fugir como cães assustados!

— Com dizem as escrituras, o orgulho vem antes da destruição, eminência! E, além disso, a cúria são as pessoas, não é uma capela ou uma igreja qualquer! A Igreja é universal, não é o Vaticano! É assim ou não é?

Olha em volta como quem espera por algum som ou movimento vertical de cabeça afirmando concordância. Ao invés, recebe apenas um comentário de Maglione. Pertinente, por sinal.

— Essa ideia louca ainda vai levar-nos a um novo cisma, Santo Padre! Ainda hoje a Igreja sofre com as consequências do grande cisma, como todos bem sabemos. Não resistiremos a um segundo.

O cisma papal, também conhecido por Grande Cisma do Ocidente, ocorreu há cerca de setecentos anos. Devido a favores e benefícios concedidos por França ao papa, Clemente V foi forçado a mudar a cúria da Igreja Católica da Cidade do Vaticano para Avinhão. Passados quase setenta anos, o então Papa Gregório XI decide regressar ao Vaticano. A partir desse momento, inúmeros conflitos internos levaram à maior desintegração que a Igreja já sofreu em toda a sua história. O cenário era de tal maneira complexo e agreste que chegaram a existir três papas reinantes em simultâneo, um a residir no Vaticano, outro em Avinhão e o terceiro em Pisa. Todos eles clamavam ser o único sucessor do apóstolo São Pedro e o verdadeiro vigário de Cristo na Terra. O medo de que um novo cisma possa vir a acontecer no seio da Igreja é constante desde esses tempos.

Belmonte, mantendo-se calmo, concorda com Maglione.

— Tem toda a razão, eminência. Realmente, o cisma quase levou a Igreja à ruína. Ainda assim, não creio que devamos guiar-nos por algo que aconteceu há sete séculos. Os tempos são outros, as coisas mudaram e os cenários que se nos impõem são bem distintos dos dessa época.

— O homem não mudou, cardeal-decano. Os problemas que os nossos antepassados causaram podem muito bem acontecer de novo hoje, passados estes anos todos.

O Cardeal Faulhaber não perde a oportunidade.

— Que fique bem claro para todos os presentes que o Cardeal Maglione acaba de insinuar a sua intenção de causar um cisma na Igreja!

— Eu?! Está louco, Cardeal Faulhaber?

— Vossa eminência acabou de afirmar que os homens de hoje conseguem causar problemas iguais aos que levaram ao cisma. Só me resta assumir

que está a falar com conhecimento de causa e baseado nas suas próprias intenções.

— Além de nazi infiltrado, agora o cardeal também é escritor de ficção.

A voz de Pio XII faz-se escutar uma vez mais.

— Só compete à própria cúria, e especificamente a vossas eminências, enquanto cardeais da Igreja, fazer todos os possíveis para que isso não volte a acontecer. Mais uma vez vos digo: se o desígnio de Deus for a mudança da cúria, e se só essa opção permitir salvar a Igreja, não hesitarei um segundo.

Pio XII parece imbuído de uma inesperada assertividade.

— E o ouro, Santo Padre?! — pergunta Maglione.

— E os livros e documentos que temos no arquivo do Vaticano, vossa santidade?! — pergunta Faulhaber.

Por breves instantes, Pio XII percebeu que as duas perguntas que lhe colocam muito poderiam dizer sobre a verdadeira essência de cada um dos cardeais. Não será à toa que a primeira preocupação de um sejam os livros, ao passo que o outro pensa mais no conteúdo dos cofres. Pequenos detalhes, mas que dizem muito.

— O essencial é invisível aos olhos, eminências. Pois que se leve somente o indispensável. Tudo o resto ficará. O conhecimento dos livros irá em nossas mentes. O alívio do peso do dinheiro contribuirá para o nosso voto de pobreza.

A resposta de Pio XII não parece ter agradado a nenhum dos dois. Belmonte percebe que o conclave de 1939 havia sido, de facto, guiado pelo Espírito Santo, como sempre acontecia, e tinha escolhido a pessoa certa para assumir o pontificado. Um sorriso discreto desenhara-se no seu rosto. O cardeal desvia discretamente o olhar em direção a Di Corneliano, que retribui com um leve arquear de sobrancelhas demonstrando a sua admiração com a firmeza de Pio XII.

O cardeal-decano toma a palavra.

— Pois bem, a decisão do Santo Padre está tomada, será avaliada e, se for caso disso, será acatada, com a graça de Deus!